

3.2. A dimensão patriótica e a sua expressão simbólica

Como já vimos, uma parte importante da atividade literária de Almeida Garrett está diretamente ligada à vida política portuguesa do século XIX. Importa dizer que o escritor de então, em especial o que defendia ideias **liberais** em tempo **romântico**, fazia da literatura um ato de **afirmação patriótica**; para isso, servia-se da linguagem literária, procurando mostrar o **caráter simbólico** de certas figuras e dos seus comportamentos na História portuguesa.

No *Frei Luís de Sousa* vemos como, através do teatro, se leva o espectador e o leitor a pensar nas suas **responsabilidades** para com a pátria. Isto torna-se possível porque no *Frei Luís de Sousa* aparecem figuras e ações com fundo histórico e com consequências para os destinos de Portugal: a batalha de Alcácer Quibir (1578) e os anos que se lhe seguiram, o desaparecimento de D. Sebastião e de muitos outros portugueses nessa batalha, a esperança no seu regresso, a vida e os destinos de Manuel de Sousa Coutinho, de Dona Madalena de Vilhena e de D. João de Portugal, este último desaparecido em Alcácer Quibir, etc.

Além disso, a ação do *Frei Luís de Sousa* situa-se na época da chamada **dinastia filipina**, que durou de 1580 a 1640, como consequência do desastre de Alcácer Quibir. Muitos portugueses resistiram a essa ocupação do trono português por um rei espanhol, atitude que está presente na ação do *Frei Luís de Sousa* e nalgumas das suas personagens.

Aquilo que acontecia em Portugal, nos anos em que Garrett escreveu e fez representar o *Frei Luís de Sousa*, explica que o escritor tenha usado a literatura e o teatro para a afirmação de **sentimentos patrióticos**, procurando sensibilizar os espectadores e os leitores do seu tempo. O governo de Costa Cabral (a partir de 1842) punha em causa liberdades conquistadas pela revolução liberal e justificava atitudes de denúncia e de resistência. Estava em causa a dignidade das

pessoas e a necessidade de contestarem uma governação injusta; num plano mais geral, esta era ainda a época em que se esperava do triunfo do liberalismo uma **regeneração** (ou seja: uma **refundação**) da pátria portuguesa que a afastasse definitivamente do passado absolutista.

Sendo assim, para Garrett fazia sentido pôr em cena no *Frei Luís de Sousa* figuras e acontecimentos que fossem entendidos no plano simbólico: nesse plano procura-se chegar a **sentidos abstratos** e a **valores gerais** sugeridos por ações concretas e por quem as vive. Assim:

- Certas personagens identificam-se com valores **positivos**, de dimensão patriótica:
 - Manuel de Sousa Coutinho resiste à ocupação da sua casa pelos governadores, num ato de **dignidade** perante a ocupação estrangeira. O gesto de incendiar a própria casa é a prova máxima dessa **resistência**.
 - Maria, sua filha, acompanha-o nesse sentimento patriótico, com entusiasmo juvenil.
- Outras personagens simbolizam valores **negativos** e estão como que deslocadas no tempo:
 - O romeiro traz consigo um **passado**, que é o de D. João de Portugal; o **regresso** desse passado não é solução para o presente, antes contribui para a sua destruição.
 - Telmo começa por insistir nessa ideia de **regresso** (no ato I), mas vai-se afastando dela: a sua mudança mostra a necessidade de se repensar o passado histórico, em função dos interesses e dos valores do **presente**.

Entretanto, o significado que podemos atribuir a certos factos e figuras históricas vai além da expressão simbólica. Ele atinge outra grandeza quando se relaciona com a dimensão do **mito**. É disso que falamos quando nos referimos ao **Sebastianismo**.